

A República de *Mr. Slang*: Opinião Pública e discurso político nas crônicas de Monteiro Lobato

Danyllo Di Giorgio M. da Mota*

Ligado ao debate e à busca por soluções para os problemas enfrentados pelo país, Monteiro Lobato discute em seus textos a formação e atuação de uma opinião pública nacional. Nesse debate, o papel da imprensa recebe grande atenção do autor que ressalta a importância desse setor para os debates sobre as “grandes questões nacionais”. Nesse cenário a população também deveria tomar parte dessas discussões já que, na visão do autor, seu distanciamento era um dos motivos para as crises enfrentadas pelo país. Nosso objetivo nesse trabalho é discutir como essas ideias estão interligadas na obra de Lobato, com destaque para o livro *Mr. Slang e o Brasil* (1926). Buscamos apontar como, para Lobato, a formação de uma opinião pública deveria ocorrer através da contribuição da imprensa como instrumento de difusão de uma “formação pedagógica” que tornaria possível uma participação mais ativa da população no projeto de modernização nacional que seria empreendido pelo governo de Washington Luis (1926 – 1930).

O papel da Imprensa.

Os jornais foram o grande meio de comunicação de massa no Brasil nas primeiras décadas do século XX (SEVCENKO, 1985: 226). Havia um considerável alcance dessa mídia mesmo além dos grandes centros urbanos. Com o enriquecimento das regiões produtoras de café, já nas décadas finais do século XIX, muitas das pequenas cidades do interior dispunham de órgãos de imprensa que propagavam os debates políticos. Apesar de grande parte da população ser composta por analfabetos¹,

* Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia – SME.

¹ Discutindo as características do campo literário na passagem do século XIX para o XX no livro *Literatura como Missão* (1985), Nicolau Sevcenko aponta o grande contingente de analfabetos na população brasileira.

os jornais eram muito populares. As críticas políticas e sociais eram estampadas através dos textos, mas as charges também eram um meio para a conquista do público².

Como muitos de seus contemporâneos que recorriam aos jornais como forma meio de sustento e de colocação no cenário intelectual, Monteiro Lobato³ foi um incansável colaborador de jornais. Desde o início do século publicou textos em órgãos de imprensa do interior de São Paulo, iniciando sua carreira como escritor ainda no período em que cursou Direito na Faculdade do Largo do São Francisco, entre 1900 e 1903. O alcance das idéias divulgadas por meio dos periódicos fez com que os jornais ganhassem destaque na análise de Lobato. Essa importância pode ser percebida no caráter extremamente crítico com que o autor analisa os órgãos de imprensa durante a década de 1920. Nesse sentido crítico, os textos de *Mr. Slang e o Brasil* são extremamente ricos. No texto *Da Balbúrdia de Ideias*, Lobato já aponta um elemento de sua visão sobre os jornais. No diálogo entre Mr. Slang e seu interlocutor brasileiro, Lobato escreve (LOBATO, 1959: 09):

[Fala o interlocutor brasileiro] – Que acha, Mr. Slang, da estabilização? (...) Tenho lido as folhas, e mais leio opiniões mais me obscureço.

[Responde Mr. Slang] – Muito natural, meu bom amigo. A opinião dos nossos jornais é excessivamente instável. Não será no instável que meu amigo se firmará a respeito de estabilidades [sic]

Dando voz Mr. Slang, Lobato expõe sua visão sobre os jornais. Para o autor a opinião dos jornais é percebida como sendo “essencialmente instável”, falhando no

² Monteiro Lobato já destacava a importância das charges como forma de crítica social e política no texto *A Caricatura no Brasil*, publicado no livro *Ideias de Jeca Tatu*, de 1918.

³ Monteiro Lobato (1882 – 1948) foi escritor, tendo uma vasta obra de literatura infantil e adulta. Suas obras revelam uma forte ligação com o meio rural, sobretudo do Vale do Rio Paraíba, interior do Estado de São Paulo, onde herdara de seu avô a Fazenda do Buquira. Também foi editor – sendo pioneiro no mercado editorial brasileiro ao fundar ao final da década de 1910 a Monteiro Lobato e Cia, primeira editora brasileira. Nesse período tornou-se proprietário da *Revista do Brasil*, que se tornaria o empreendimento cultural de maior sucesso na Primeira República. Envolveu-se em campanhas em prol do saneamento dos sertões, na luta pela exploração de Petróleo e Ferro em território nacional, o que possibilitaria, em sua visão, a modernização do país. Envolveu-se em inúmeros debates e polemias estando sempre marcado pela opinião forte e pela defesa intransigente de suas idéias.

caráter de demonstrar uma opinião clara sobre os temas abordados. Nesse trecho, está apontado o fato dos jornais serem uma fonte preferencial da população para informação e formação de conhecimento,. Isso pode ser verificado no hábito do personagem brasileiro de buscar nos jornais o esclarecimento sobre temas como a estabilização monetária. Contudo, para Lobato os jornais perdiam de vista esse objetivo de abordar os problemas políticos e econômicos de forma que o leitor compreendesse o que se estava tratando. Ao invés de encontrar o esclarecimento, o leitor se obscurecia. Discutindo essa questão sobre o jornal como instrumento de esclarecimento, Lobato dá voz a Mr. Slang na seqüência do texto *Da balbúrdia de ideias* (LOBATO, 1959: 10):

- Os jornais do Rio nunca esclarecem uma questão. Estudam-na sempre deslembados do objetivo de esclarece-la. O negocio parece-me até que é baralhar. Só o embaralhamento renderá qualquer coisa. Jornal é sinônimo de maquina de desenrolar linha. Le-los é ver desenrolar linha. O bom senso manda fazer o contrario: te-la em carretéis, numerados conforme a grossura do fio e bem arrumadinhos nas prateleiras. Fóra dos carretéis, linha deixa de ser linha. Passa a maçaroca, só util como esfregão [*sic*].

Para Lobato os jornais faziam “maçaroca” desenrolando linhas ao invés de enrolá-las e organizá-las de forma a facilitar sua identificação. As ideias vinham sempre misturadas e emboladas. As questões discutidas nunca eram solucionadas nem sequer se apontavam soluções possíveis. Falava-se muito, mas não se esclarecia o leitor sobre os temas abordados. A formação de uma opinião pública ficava assim prejudicada. Essa crítica de Lobato se relaciona à busca pela divulgação do “saber e do progresso”. Esse busca lobatiana é abordada por Rosimeiri Cardoso ao relacionar a escrita e o pensamento lobatiano com a difusão das ideias iluministas para além do contexto do século XVIII (CARDOSO, 2007). É visando à difusão de saberes que contribuíssem para o progresso nacional que Lobato define sua visão sobre os jornais nesse período.

Discutindo as falhas dos jornais na tarefa de formar um conhecimento sobre os temas relacionados à nação, Lobato aponta como uma de suas características a prática de lançar mão à opinião de políticos e economistas consagrados para dar base às

ideias que defendiam (LOBATO, 1959: 09). Contudo, a linguagem era sempre muito rebuscada e não se explicava o que se estava falando. Era preciso simplificar a linguagem para que os debates pudessem ser compreendidos. Discutindo a questão da estabilização econômica, Lobato defende essa ideia por meio das palavras de Mr. Slang. No texto *Da maçaroca*, Lobato escreve (LOBATO, 1959: 14):

O carretel econômico, o carretel financeiro e o carretel monetário. São tres problemas diversos que o “amor ao embrolho” dos nossos entendidos embaralha. (...) Mistura-las é criar o caos. Mas desde o momento em que separamos da maçaroca as tres linhas de cores diversas, já o problema em causa se simplifica enormemente. Tão enormemente que qualquer caixeiro de venda suportará com galhardia um exame. Se eu fosse o presidente da República resolveria a eterna balburdia econômica, financeira e monetária do país metendo no Ministério da Fazenda, ao invés de “technical experts”, isto é, malabaristas da terminologia e pais da maçaroca, um simples caixeiro de venda [sic].

O uso de termos rebuscados forjados pelos “malabaristas da terminologia” acabavam por baralhar as ideias. A linguagem adotada pelos órgãos de imprensa dificultava a compreensão por parte dos leitores. Outra crítica refere-se à análise parcial ou míope, não esclarecendo para o leitor as questões fundamentais sobre o tema que estava sendo analisado. Toda essa incapacidade dos jornais de transmitirem as ideias e os debates que ocorriam nos cenários político e econômico nacional transformava-se em um empecilho para a formação de uma opinião pública consistente. Para Lobato, o homem brasileiro estava acostumado a buscar nos jornais os elementos para formar uma opinião sobre qualquer assunto. Como os jornais mais confundiam do que esclareciam (LOBATO, 1959: 10), a opinião pública era deficiente.

A necessária formação de uma opinião pública.

Partindo desse aspecto, na busca por uma linguagem mais apropriada para se discutir as questões relativas à economia e à política, Lobato aponta ao longo dos artigos de *Mr. Slang e o Brasil* a necessidade de se formar uma opinião pública consciente como forma de promover o progresso do país. Isso se revela ainda através da

constante comparação entre a realidade do Brasil e da Inglaterra elaborada por Lobato ao longo dos textos. Para o autor, a prática de ter ideias próprias teria feito da “Inglaterra o que a Inglaterra era”. São constantes as referências de Lobato à riqueza e à modernidade, verificadas na Inglaterra, como resultado dessa prática. Seguindo um caminho diferente do adotado pelos ingleses, a prática brasileira de buscar a opinião dos jornais não vinha fazendo “grande coisa deste país” (LOBATO, 1959: 10).

Mas a ausência de uma opinião pública não resultava apenas das ações equivocadas adotadas pelos jornais ao discutir as questões referentes ao país. Havia também um comodismo do público, característico da mentalidade brasileira. No texto *Da balburdia de ideia*, Lobato escreve dando voz ao personagem brasileiro (LOBATO, 1959: 09):

- Comodo e pratico (...) em vez de criarmos rugas na testa e moermos os miolos, adquirimos logo uma ideia feita, já bem elaborada pelos tecnicos. Poderia eu, pensando por mim, por exemplo, chegar com a mesma pressa às conclusões de um ex-ministro da Fazenda? Acho mais inteligente tomar feitas as ideias deste homem. Além disso, possuem maior autoridade [*sic*].

A visão de Lobato sobre a população brasileira liga-se ao comodismo característico da mentalidade nacional. A esse comodismo Lobato relacionava o afastamento da população dos debates sobre a nação, deixando as discussões para os técnicos que tinham mais “autoridade” nos assuntos abordados.

A ausência de uma opinião pública consistente é apontada por Lobato como uma das causas que teriam levado o Brasil à situação de caos em que se encontrava durante a década de 1920. Mas a crítica à falta de participação da maior parte da população nos grandes debates sobre o país era um tema já abordado por Lobato em outros momentos. Essa ideia já se encontra no livro *Urupês*, de meados da década de 1910. No artigo de mesmo nome, Lobato critica o homem brasileiro, sobretudo do meio rural, por esse afastamento das grandes questões nacionais (LOBATO, 1994: 167). Na análise de Lobato, quando não agia como um mero observador, o homem nacional,

representado pelo caboclo, simplesmente ignorava as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas no Brasil. No caso de *Urupês*, essas críticas encontram-se englobadas em um contexto diferente daquele que abriga *Mr. Slang e o Brasil*. Lobato já havia elaborado, em 1926, a revisão em sua obra que amenizaria as críticas ao caboclo (LAJOLO, 1985), presentes nos textos de meados da década de 1910, cujos grandes símbolos são os artigos *Urupês* e *Velha Praga*. No entanto, como podemos perceber, a questão da opinião pública, da participação da população nos debates sobre os destinos do país e na compreensão das grandes questões que movimentam a nação continuam sendo um problema relevante para o autor, pois se relacionam com a própria situação de crise política, econômica e social em que o país se encontrava naquele momento. Contudo, essa crítica de Lobato ao afastamento do homem do campo das grandes questões nacionais aproxima-se da ideia dos grandes proprietários rurais nesse período de que a luta pela democracia e pela participação popular ativa na política teria como limite a “porteira das fazendas”. Nas cartas reunidas na coletânea *A Barca de Gleyre*, no período em que administrava a fazenda do Buquirá que herdara de seu avô, Lobato relata um episódio em controlara um “motim” de seus camaradas da fazenda. Em carta de 15 de maio de 1914, ele descreve o episódio em que, decidido a tomar frente dos negócios na fazenda, chama seu administrador e o dispensa de seus serviços. O administrador pede-lhe uma semana de prazo para sair da fazenda e, segundo Lobato (LOBATO, 1959: 353):

(...) o administrador passara aquela semana do prazo conspirando contra mim. Arranjara colocação nas fazendas vizinhas para todos os meus colonos, devendo a mudança se fazer no dia em que ele fosse embora, de modo a ficar um exodo em massa [*sic*].

Quando percebeu que ficaria sem trabalhadores na fazenda devido à “conspiração” arquitetada pelo administrador demitido, Lobato age para reverter essa situação. Na mesma carta, relata seu diálogo com um de seus agregados (LOBATO, 1959: 354):

- Raimundo, vai-te para o inferno! Que todos vão para o inferno! Não preciso de ninguém aqui. Eu sabia de tudo, escrevi para São Paulo e mandei contratar lá cinquenta colonos novos. Você vá dizer para essa gente que está saindo, ou vai sair, que o que quero é que saiam todos o mais breve possível, para desocupar as casa [sic].

Ao saber pelo agregado que o antigo administrador iria à fazenda no dia seguinte para ver se alguém o havia desobedecido, Lobato afirma: “Se voltar não passa daquela porteira! Mato-o como quem mata um cão!” (LOBATO, 1959: 354). Segundo Lobato, após o acontecimento chegar ao conhecimento dos colonos que abandonavam sua fazenda, esses “começaram a mudar de ideia e perder o medo ao administrador” e Lobato se tornou então “vencedor e dono final” de sua própria fazenda.

Como destaca Gabriela Pelligrino Soares (2007: 197), o princípio da liberdade - de expressão, de conduta etc. - ocupava o centro do projeto de democracia de Monteiro Lobato. Mas o autor lança para as margens desse projeto o princípio da igualdade. Era preciso esclarecer a população da necessidade de promover o progresso do país, mas cada grupo teria seu lugar nesse processo. Assim, aqueles que se apresentassem mais bem preparados, como os intelectuais ou os políticos mais comprometidos com esse objetivo de modernização, teriam a tarefa de conduzir esse processo. A população devia ter clareza de seu papel como mão-de-obra útil à nação. Assim, Lobato teria uma ação e uma visão política próxima aos intelectuais responsáveis pela difusão da *Paulistanidade*. Esses eram os intelectuais oriundos das famílias ligadas às grandes propriedades rurais e à produção cafeeira e que davam sustentação ideológica à manutenção da hegemonia oligárquica desses grandes produtores rurais (MICELI, 2001).

Nos textos de *Mr. Slang e o Brasil*, Lobato aponta a necessidade de criar as condições favoráveis para a modernização nacional. Os moldes a serem adotados para essa modernização eram propostos pelo novo governo nacional comandado por Washington Luis. Por isso era preciso formar uma opinião pública favorável ao “novo Governo”. É esse o caminho seguido por Lobato nesses textos. Lobato elabora suas opiniões em *Mr. Slang e o Brasil* visando à formação de uma opinião que desvencilhasse completamente a imagem do quadriênio Bernardes com a do governo

que se iniciava. Mas, a questão que poderia gerar dúvidas nos leitores era a de o Brasil possuir ou não uma opinião pública. Antecipando-se a essa questão, Lobato apresenta uma definição do que era essa ideia para ele no seguinte trecho do texto *Dos “ladrões”* (LOBATO, 1959: 102):

[O interlocutor brasileiro questiona] – Mas teremos nós opinião pública?

(...)

[E Mr. Slang responde] – (...) Que somos nós dois aqui senão bocas de voz pública? E a esta hora pelo país inteiro milhões de bocas como as nossas estão a cochichar opinião. *[sic]*.

Através desse trecho, Lobato deixa clara a necessidade de formação de uma opinião pública como forma de contribuir para uma melhor definição dos caminhos a serem adotados pela nação. Seus textos seriam parte integrante na formação dessa opinião. As ideias que discute podem ser vistas como uma forma de divulgar uma opinião a partir de seu ponto de vista. O direcionamento dessas discussões caminha no sentido de formar uma opinião pública favorável ao “novo governo” como forma de contribuir para que as ações propostas por Washington Luis alcançassem sucesso.

Sempre buscando exemplos que afirmassem seu ponto de vista, a importância da opinião pública para o sucesso dos governos é exposta por Lobato através de referências à gestão do presidente norte americano Warren Harding. Mr. Slang expõe as ações de “varredura” das instituições públicas quando Harding estava à frente do governo dos Estados Unidos. Essas ações resultaram em uma economia anual de US\$ 800 milhões. Lobato destaca a importância da opinião pública nesse processo através do seguinte trecho em que Mr. Slang afirma: “– A Dolly, por exemplo (...). Dou-lhe para as despesas da casa metade do que dava à sua antecessora, e passo melhor. É uma Harding de saias, que suprimiu todos os “ladrões” deste meu lar de solteirão” *[sic]* (LOBATO, 1959: 102).

Mas o cético interlocutor brasileiro adverte o inglês (LOBATO, 1959: 102):

- Numa casa é fácil, mas num país... (...).

[Mr. Slang conclui] - Se Harding fosse vivo discordaria de sua opinião, meu amigo. Ele (...) achou fácil a tarefa. São sempre fáceis as tarefas que recebem o apoio da opinião pública [*sic*].

Era importante que houvesse uma opinião pública favorável para que Washington Luis pudesse efetivar as transformações que propunha e que o país almejava. Uma forma de Lobato contribuir para a formação dessa opinião pública favorável ao novo governo pode ser identificada em suas referências à Revolução. Para Lobato, os movimentos revoltosos eram frutos da imoralidade que dominara a política e da injustiça com que o país fora administrado durante o “período ciclônico”. Assim a Revolução consistia em elemento de crítica ao quadriênio Bernardes e à situação em que o país se encontrava em decorrência de suas ações a frente do governo. Sua visão sobre a revolução pode ser percebida através do seguinte trecho do texto *Do cruzeiro e outras miudezas* (LOBATO, 1959: 25-26):

[Questiona o interlocutor brasileiro] – Mr. Slang não irá dizer que a revolução também procede da instabilidade...

[Responde Mr. Slang] – Não vou dizer? Digo já, pois toda revolução tem como causa última o mal estar econômico. País que prospera não faz revoluções [*sic*].

As questões referentes à revolução estão dentre os temas que Lobato discute visando à formação de uma opinião pública. Ele aponta em seus textos que, com as ações do novo governo, como a estabilização econômica e com um modelo administrativo mais justo e comprometido com o interesse público, a Revolução perdia seu sentido.

Um dos problemas causados pela má gestão política e econômica seria a injustiça que, como sua consequência mais perceptível, teria insuflado a insatisfação popular. Essa insatisfação da população – “armada ou na possibilidade de armar-se” –

teria então como resultado último os levantes e as revoltas ocorridas no período ciclônico (LOBATO, 1959: 26). Lobato constrói assim a imagem do “novo governo” como o solucionador desse problema através da restauração da justiça e da moralidade na política nacional.

Limites da participação política.

Nos textos de *Mr. Slang e o Brasil*, Lobato faz a defesa de Luis Carlos Prestes como um futuro herói nacional, cujo reconhecimento por seus atos retiraria a carga de negatividade de seus atos revoltosos. O futuro o redimiria. Com o fim da coluna Costa – Prestes, estava eliminado o último foco de contestação do regime oligárquico (FERREIRA e PINTO, 2006: 13). Assim Washington Luis assumiria o poder sem o peso da oposição que Artur Bernardes enfrentara em seu governo.

Segundo Marieta Ferreira e Surama Pinto (2006: 13) a coluna Miguel Costa – Luis Carlos Prestes propagava a revolução e o levante da população contra as oligarquias. Contudo a imagem construída por Lobato é de uma contestação especificamente contra o governo de Artur Bernardes e contra a corrupção e a imoralidade instauradas nos governos do “período ciclônico”. Com a saída de Artur Bernardes da presidência, a revolução, que antes possuía uma justificativa plausível, perderia seu fundamento, pois Washington Luis representaria a mudança de postura dos políticos em relação às falhas que haviam insuflado essas revoltas.

O que Lobato não considera, ou ao menos não aponta claramente, é que, assim como Artur Bernardes, Washington Luis também é um representante das oligarquias contra as quais os movimentos tenentistas e o movimento revolucionário se opunham. Afinal, os militares revoltosos haviam se aliado às oligarquias de segunda grandeza para lutar contra aquilo que consideravam os desmandos das oligarquias dominantes – como Minas Gerais e São Paulo (FERREIRA e PINTO, 2006: 06).

Percebemos assim que os textos de Lobato apontam para uma conciliação entre ideias defendidas pela Reação Republicana, que teve a participação tanto das oligarquias de segunda grandeza quanto dos militares, com as ideias defendidas pelos oligarcas paulistas que procuravam se desvencilhar das críticas que eram dirigidas ao governo de Artur Bernardes. Seu discurso é, a um só tempo, de conciliação e ruptura. Lobato critica os governos anteriores utilizando conteúdos presentes em movimentos que se opunham ao domínio oligárquico, mas também busca amortecer as possíveis críticas ao novo governo o desvinculando do período chamado de ciclônico.

É no sentido de superar os problemas vividos no quadriênio Bernardes que Lobato aponta ainda a postura de prudência do “novo governo” ao não divulgar todas as denúncias de corrupção que pesavam contra o governo anterior. Mr. Slang defende a sabedoria dessa ação, indicando que, caso publicadas as denúncias, isso acenderia em “qualquer homem de sangue vivo” o ímpeto de incorporar-se aos revoltosos, o que causaria danos à condição de legalidade (LOBATO, 1959: 104). Como forma de debelar os movimentos revoltosos, era preciso limitar as informações que chegavam ao público sobre a má conduta apresentada pelo governo anterior. A visão de Lobato sobre os “crimes” do governo Bernardes estava ligada à defesa de uma “vista grossa” da justiça e do “novo governo”, contando com uma condenação da opinião pública, cuja formação ele contribuía através de seus textos.

Ressaltamos o paradoxo da visão de Lobato sobre a opinião pública ao indicar a necessidade de uma limitação do que deveria ser levado ao conhecimento do público. Ele buscava a formação de uma opinião pública através da manipulação dos elementos sobre o tema que abordava. Os cidadãos eram peça chave na política por definir o lugar de cada agente, se seria condenado ou absolvido, se permaneceria na vida pública ou seria execrado. Mas esses cidadãos não poderiam ter acesso a todas as informações por que se transformariam em um risco para o *status quo*, podendo, nesse caso, revoltar-se contra a situação estabelecida no período ciclônico e prejudicar o desenvolvimento do projeto apresentado por Washington Luis. Era preciso condenar o governo Bernardes por suas ações desastrosas, mas para isso não era necessário que todas as suas ações chegassem ao conhecimento do público. Bastava que os homens

preparados do “novo governo” as conhecessem, pois esses saberiam muito bem como agir de forma a resguardar o interesse nacional (LOBATO, 1959 106).

Contudo, Lobato se isentava da indicação de soluções para todos os problemas nacionais e limitava sua participação à tarefa de formação de uma opinião pública consciente. No texto *De frutas e livros*, criticando a atividade política e as práticas dos congressistas brasileiros, ele constrói o seguinte diálogo entre Mr. Slang e seu interlocutor (LOBATO, 1959: 97):

[Fala Mr. Slang] – Já assisti a varias sessões da camara e assombrei-me do que nela se chama votar.
Também eu conhecia o Congresso, e sabia muito bem o que ali se chama votar.
- E o remedio, Mr. Slang? perguntei ingenuamente.
- Não ha remedio, respondeu ele sorrindo. É a quarta vez hoje que você me pede remedio, como se minha função na vida fosse receitar para o Brasil [*sic*].

Assim, a visão de Monteiro Lobato sobre a opinião pública está vinculada à ideia de uma cidadania restrita e à pedagogia cívica. Para Lobato, para se transformar em um cidadão pleno era preciso que o homem nacional estivesse, de antemão, consciente dos problemas nacionais. Como os jornais demonstravam uma incapacidade – ou uma falta de vontade - de cumprir essa missão, ela deveria ser assumida por outros agentes. Ele próprio se colocava em posição para sanar esse problema através de sua contribuição para a formação de uma opinião pública consciente. Afinal, Lobato não assume o papel de solucionador de todos os problemas nacionais, pois sua função na vida não era “receitar para o Brasil”. Mas é exatamente na tarefa de receitar, ensinar, formar uma opinião pública que os textos de Lobato se concentram em *Mr. Slang e o Brasil*.

Para Lobato, com o apoio da opinião pública ao novo governo e sob a direção de um governante comprometido com os valores morais, com o senso de justiça e com uma mentalidade moderna, o Brasil retomaria o caminho do progresso. Com Washington Luis, o “período ciclônico” chegava ao fim e o país voltaria para o caminho

do qual havia se desviado após a morte de Afonso Pena. A formação de uma opinião pública, a transformação na mentalidade nacional, o estabelecimento de novas orientações para o exercício da cidadania e para a escolha dos governantes tornariam possível a construção de uma realidade diferente da que se verificava no país após o longo período de amoralidade e injustiça que caracterizara a República brasileira até aquele momento. Aquele era um momento de ruptura e de transformação que, na visão de Lobato, se assentava nas possibilidades de modernização e progresso surgidas com a chegada do “novo governo”, sob o comando de Washington Luis.

Referências Bibliográficas:

CARDOSO, Rosimeiri Darc. *Monteiro Lobato: entre o pedagógico e o estético*. 2007. 148 f. Tese de Doutorado em Letras, Literatura e Vida Social. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos Anos Vinte e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6833/1593.pdf?sequence=1>. Acessado em 16 de março de 2007.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985, 93 p.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. Volumes I. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 37ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVCENCKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear Horizontes: uma história da formação de leitores na argentina e no Brasil, 1915 – 1954*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.